

## APRESENTAÇÃO: FREQUÊNCIA LEXICAL E FENÔMENOS FONOLÓGICOS VARIÁVEIS

**Luiz Carlos Schwindt<sup>1</sup>**

**Leda Bisol<sup>2</sup>**

schwindt@ufrgs.br

bisol@puers.br

Esta edição especial da Revista Virtual de Estudos da Linguagem aborda o papel da frequência lexical na análise de fenômenos de variação fonológica.

A proposta foi concebida inicialmente como um projeto do grupo de pesquisa em variação fonológica da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, constituído por pesquisadores de diferentes universidades da Região, e associado ao Projeto Variação Linguística na Região Sul do Brasil (VARSUL). O propósito foi o de revisitar fenômenos investigados por membros desse grupo em pesquisas já divulgadas, lançando agora foco sobre efeitos de frequência lexical. Por conta dessa concepção, a maior parte dos artigos é assinada por pesquisadores do sul do Brasil, integrantes desse grupo. Também por isso os fenômenos, em sua maioria, tomam como ponto de partida o uso em dialetos do português brasileiro (PB) falados no sul do Brasil. O fato de a análise de frequência impor o cotejo dos dados com grandes *corpora*, entendidos como **de referência**, acabou por ampliar os limites da proposta, que ganhou em generalização no sentido de, apesar de olharmos para dialetos, fazermos isso agora na perspectiva do léxico da **língua** (ou do que entendemos por língua). Essa ampliação de perspectiva foi decisiva para que optássemos por divulgar o trabalho em um periódico e permitiu contar com a colaboração de pesquisadores de outras regiões. Nesse impulso, a edição se beneficia da importante colaboração de duas colegas da Universidade Federal de Minas Gerais, hoje inquestionavelmente um centro de referência na área em que se inscreve esta publicação.

A discussão que se promove neste volume foi, em certa medida, provocada pela leitura do número 142 da Revista *Lingua*, organizado por Frans Hinskens, Ben Hermans e Marc van

---

<sup>1</sup> Doutor; Universidade Federal do Rio Grande do Sul; Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico.

<sup>2</sup> Doutora; Universidade Federal do Rio Grande do Sul; Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico.

Oostendorp, publicado no ano de 2014, e que trata da controvérsia **léxico versus gramática**. A tônica dos textos que aqui se apresentam, contudo, é descritiva, ainda que muitos dos autores tenham dedicado alguma reflexão ao debate sobre a natureza do léxico e das regras e a seus desdobramentos.

Além dos artigos, contamos, ao final, com 2 entrevistas elaboradas e conduzidas por Camila De Bona com profissionais de reconhecido destaque em estudos envolvendo frequência lexical: **Mirjam Ernestus** (Radboud University Nijmegen e Max Planck Institute for Psycholinguistics) e **Thaís Cristófaró Silva** (Universidade Federal de Minas Gerais).

A seguir resumimos sucintamente os 9 artigos, que se apresentam na edição por ordem alfabética de título.

**Brescancini, Del Rios, Biasibetti e Cruz**, no intento de contribuir com o debate em torno do caráter difusionista do alçamento sem motivação aparente de vogais pretônicas (ex. *senhora* ~ *sinhora*, *conheço* ~ *cunheço*), retomam quatro amostras de fala representativas da variedade porto-alegrense, pertencentes ao banco de dados VARSUL, a fim de examinar o papel da frequência lexical na variação envolvendo vogais médias-altas.

**Vieira e Lopes**, na perspectiva da Fonologia de Uso (Bybee, 2001, 2006, 2010), analisam efeitos de frequência lexical sobre o cancelamento variável das vogais [a, i, u], em posição átona final, em dados de fala espontânea e controlada (ex. *caus[a]* ~ *caus[∅]*, *bas[i]* ~ *bas[∅]*, *serviç[o]* ~ *serviç[∅]*). A amostra sob análise é constituída por 8 informantes da cidade de Pelotas/RS, estratificados por sexo, faixa etária e escolaridade.

**Cantoni** avalia efeitos da frequência de uso na percepção de padrões acentuais, utilizando-se de um experimento de identificação de palavras com ambiguidade na posição do acento, a depender do **parsing** realizado no momento da percepção (ex. *dali* ~ *lida*; *tumor* ~ *morto*), problematizando a hipótese de previsibilidade do acento na língua. São testados 12 falantes nativos de português, sem problemas de audição ou fala, de ambos os sexos, com nível universitário e idade entre 20 e 30 anos.

**Battisti e Moras** propõem uma análise de diferenciação lexical (ídiossincrasias lexicais, efeitos de frequência lexical) na vocalização da consoante lateral em coda silábica no português brasileiro de contato com variedades dialetais italianas (ex. *bo[t̪]so* ~ *bo[w]so*, *sa[t̪]gado* ~ *sa[w]gado*, *mi[t̪]* ~ *mi[w]*, *ane[t̪]* ~ *ane[w]*). Os dados do estudo são de Battisti e Moras (2016), uma análise de regra variável em tempo real, e provêm de 24 entrevistas de dois acervos – do VARSUL, realizadas em 1990, e do Banco de Dados de Fala da Serra Gaúcha (BDSer), realizadas entre 2008 e 2009.

**Leal e Bisol** tratam da relação entre harmonia vocálica (ex. *segunda* ~ *sigunda*, *político* ~ *pulítico*) e a frequência de palavras, inspiradas em pressupostos da Fonologia de Uso. O Objetivo é investigar se a harmonia é mais aplicada em palavras mais frequentes e, de modo inverso, se há uma menor aplicação com palavras menos frequentes. Os dados provêm da análise de Schwindt (1995), que se constitui de 36 entrevistas, 12 de cada uma das capitais que integram o VARSUL, estratificadas por sexo, idade e escolaridade.

**Monaretto**, perseguindo a hipótese de que alguns processos envolvendo mudança linguística podem ser motivados por frequência lexical, analisa a relação entre o uso de palavras com sequências mediais de obstruintes (ex. aspecto, apto, ritmo, etc.) e a frequência de palavras com esse tipo de estrutura. Amostras de natureza e épocas distintas são examinadas – de cartas do século XIX, de 144 entrevistas de 6 cidades do VARSUL estudadas por Collischonn (2003) e do Jornal Diário Gaúcho do ano de 2008 – esta última tomada como *corpus* de referência.

**Amaral**, também inspirada por algumas das questões levantadas pela Fonologia de Uso e pela Teoria dos Exemplos, examina efeitos de frequência lexical sobre o processo de monotongação do ditongo [ej] (ex. primeiro ~ primero, feijão ~ feirão). O objetivo é verificar se palavras com contextos predominantemente favorecedores (em que o ditongo é seguido por tepe ou fricativa alveopalatal) são também mais frequentes na língua. Os dados são de Amaral (2005), constituídos a partir de 42 entrevistas do VARSUL relativas a três cidades do RS – Flores da Cunha, Panambi e São Borja.

**Cristóvão Silva** apresenta uma abordagem de Sistemas Adaptativos Complexos para a fonologia com foco em feitos de frequência. Partindo da proposta de Modelo de Exemplos, compatível com a abordagem dos Sistemas Adaptativos Complexos, e que permite incorporar informações detalhadas às representações fonológicas as quais incluem efeitos de frequência lexical, a autora sugere que efeitos de frequência oferecem evidências importantes sobre o desenvolvimento dos sistemas fonológicos e apresenta alguns desafios que se impõem a trabalhos futuros nesse domínio.

**Schwindt e De Bona**, após apresentarem uma breve revisão que contrapõe análises baseadas em uso e exemplos à visão tradicional de regra variável, discutem o papel da frequência lexical sobre o fenômeno de redução de nasalidade de ditongos finais átonos (ex. homem ~ homi, ontem ~ onti, chegaram ~ chegaru). Os dados são do estudo de Schwindt e Bopp da Silva (2010) e se baseiam em 144 entrevistas, 12 de cada uma das 12 cidades que compõem a amostra-base do VARSUL, estratificadas por sexo, idade e escolaridade. Além de perguntas básicas que alimentam estudos de frequência – se palavras mais frequentes ou menos frequentes favorecem processos fonológicos –, buscam-se evidências na relação entre frequência e fatores como classe de palavra e contexto fonológico para problematizar a hipótese defendida por Schwindt (2015, 2016), de que processos de natureza distinta subjazem outputs que convergem para redução da nasalidade.

Estamos confiantes de que este material, além de cumprir seu objetivo primeiro, que é preponderantemente descritivo, pode também figurar como sinalizador para novas perspectivas de análise, capazes de redimensionar antigas hipóteses e contribuir para generalizações cada vez mais seguras sobre a variação e a mudança sonora.